

5, 6, 7, 8... das pistas de dança de salão aos livros didáticos de matemática: modos de construção do corpo feminino

5, 6, 7, 8... from ballroom dance floors to mathematics textbooks: ways to build the female body

Débora Pacheco¹

Carolina Polezi²

Elenilton Vieira Godoy³

RESUMO

O presente texto tem como objetivo questionar a neutralidade de duas ferramentas de subjetivação de corpos femininos: as pistas de dança de salão e os livros didáticos de matemática. Tais ferramentas compõem espaços de ensino não formal e formal, respectivamente, e, assim, dão pistas sobre um modo de existência que se deseja no contexto do modelo capitalista vigente. Para a produção de dados foi realizado um levantamento de pesquisas sobre dança de salão e gênero e livros didáticos de matemática e gênero. Após a leitura das pesquisas foram selecionados fragmentos para a descrição de corpos femininos subjetivados. A partir de teorias feministas e de conceitos da filosofia da diferença, concluiu-se que o conceito de neutralidade precisa ser descolado de tais ferramentas para abrir espaços para outros modos de existência de corpos femininos.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero; Livro Didático de Matemática; Dança de Salão.

¹ Pós-doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e em Matemática (PPGECM) da Universidade Federal do Paraná (UFPR). E-mail: debora.rpacheco@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1051-3403>

² Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). E-mail: carolinapolezi@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4932-2540>

³ Docente do Departamento de Matemática (DMAT), do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) e do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e em Matemática (PPGECM) da Universidade Federal do Paraná (UFPR). E-mail: elenilton@ufpr.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8081-5813>



ABSTRACT

This text aims to question the neutrality of two tools for subjectifying female bodies: ballroom dance floors and mathematics textbooks. Such tools make up non-formal and formal teaching spaces and, thus, give clues about a mode of existence that is desired to be produced that meets a current capitalist model. To produce data, a survey of research on ballroom dancing and gender and mathematics and gender textbooks was carried out. After reading the research, fragments were selected to describe subjectivized female bodies. Based on feminist theories and concepts from the philosophy of difference, it was concluded that the concept of neutrality needs to be detached from such tools to open up spaces for other modes of existence for female bodies.

KEYWORDS: Gender; Mathematics; Ballroom Dancing.

Introdução

“A subjetividade foi reduzida ao corpo, à sua aparência, à sua imagem, à sua performance, à sua saúde, à sua longevidade.” (Pelbart, 2016, p.27)

Os debates sobre o corpo estão no centro de muitas discussões filosóficas, já que é sobre ele que as forças do mundo operam. Assim, há uma vasta produção na perspectiva da filosofia da diferença que coloca em questão os acontecimentos e processos de subjetivação que agem sobre o corpo.

Foucault (1999), por exemplo, constrói o conceito de biopolítica para pensar como o corpo biológico se converte em plano político, sendo produzido e subjetivado em um exercício de controle das populações pelo Estado, ou seja, há um regime de poder que quer gerir a vida, controlar corpos a favor de um interesse político por meio de estruturas estatais, tais como: as taxas de natalidade, mortalidade e outras condições de vida da população.

Pelbart (2016), refinando tal conceito e operando-o com outros autores, destaca que o corpo carrega uma vida que é capaz de condutas que podem ser passíveis de gestão ou não, e reforça a mudança dos poderes disciplinares para uma nova lógica de ação sobre o corpo:

É verdade que já não estamos diante de um corpo docilizado pelas instituições disciplinares, como há cem anos, o corpo estriado pela máquina panóptica, o corpo da fábrica, o corpo do exército, o corpo da escola. Agora cada um se submete voluntariamente a uma ascese, seguindo um preceito científico e estético. É o que Francisco Ortega, nos passos de Foucault, chamou de bioascese. Por um lado, trata-se de adequar o corpo às normas científicas da saúde, equilíbrio, por outro trata-se de adequar o corpo às normas da cultura do espetáculo, conforme modelo das celebridades. (Pelbart, 2016, p.28)

É esta dobra do poder disciplinar para a biopolítica que nos interessa olhar o corpo, e mais especificamente, o corpo feminino. Entendendo que as ferramentas de subjetivação parecem ser cada vez mais sutis e eficazes, a ponto de nos submetermos voluntariamente a um modo de vida determinado por um regime de poder, buscamos

investigar algumas ferramentas que produzem estes corpos femininos por meio de repetições de padrões, ainda que aparentem neutralidade com relação às discussões políticas.

Enfatizamos que, embora documentos como a Base Nacional Comum Curricular - BNCC (Brasil, 2018), proponham o ensino de uma matemática como uma ciência humana que inclui uma diversidade cultural e questões sociais, pesquisas (Souza, 2020; Filho, 2019) apontam a carência de discussões sobre gênero ou o fortalecimento de um modo de constituição do corpo masculino e do corpo feminino no ensino de matemática. Entendemos que este fortalecimento de apenas um modo de constituição de corpos pode ser uma armadilha que aparta o livro didático de matemática das discussões sobre gênero, colocando-o erroneamente em um lugar de neutralidade com relação a esta temática.

Vale destacar que neste texto queremos colocar a ideia de neutralidade sob suspeita, questionando se a dança de salão e os livros didáticos de matemática poderiam ser consideradas ferramentas que não estão imbricadas em discussões políticas, especialmente no âmbito da subjetivação do corpo feminino, e, portanto, se poderiam ser classificadas como neutras. Para isso, buscamos referenciais no campo da filosofia, desejando entender o conceito de neutralidade dentro de um arcabouço político.

Ao trazer o corpo feminino para o debate, lembramos que as teorias feministas têm crescido e atravessam diferentes enfoques e ideologias, perpassando, por exemplo, pelas importantes questões raciais.

Diante desta diversidade de produções do campo feminista, abordaremos neste texto conceitos que tomam o corpo como chave para pensar e questionar as "normalidades" nas constituições sociais de gêneros. Segundo Silvia Federici (2017)⁴,

Desde o início do movimento de mulheres, as ativistas e teóricas feministas viram o conceito de "corpo" como uma chave para compreender as raízes do domínio masculino e da construção da identidade social feminina. Para além das diferenças ideológicas, chegaram à conclusão de que a categorização hierárquica das faculdades humanas e a identificação das mulheres com uma concepção degradada da realidade corporal foi historicamente instrumental para a consolidação do poder patriarcal e para a

⁴ A primeira vez que uma autora for citada, será escrito o nome completo dela, buscando escapar à linguagem sexista. A inspiração é a tese de doutorado da professora Megg Rayara Gomes de Oliveira (2017). Cabe destacar ainda que o nome completo de um autor aparecerá apenas quando o trabalho for em parceria com uma autora.

exploração masculina do trabalho feminino. Desse modo, a análise da sexualidade, da procriação e da maternidade foi colocada no centro da teoria feminista e da história das mulheres. Em particular, as feministas colocaram em evidência e denunciaram as estratégias e a violência por meio das quais os sistemas de exploração, centrados nos homens, tentaram disciplinar e apropriar-se do corpo feminino, destacando que os corpos das mulheres constituíram os principais objetivos – lugares privilegiados – para a implementação das técnicas de poder e das relações de poder. (Federici, 2017, p.6-7)

Deste modo, partindo do conceito de biopolítica (que coloca o corpo no plano político, utilizando-se de ferramentas sutis e que muitas vezes passam despercebidas) e de conjunto com teorizações feministas (que trazem as particularidades, hierarquias e papéis sociais que dizem respeito ao corpo feminino) visamos discutir: *de que maneira ferramentas supostamente neutras, com relação às discussões de gênero, podem fortalecer um modo de construção do corpo feminino?*

Dentre as ferramentas que circulam no âmbito social escolhemos duas a partir da proximidade das mesmas com as pesquisas das autoras e autor deste texto: 1. práticas de dança de salão, que permeiam espaços de ensino não formal, compondo ambientes sociais que se assumem como práticas de lazer, bem-estar e cuidados com o corpo e com a saúde emocional; 2. livros didáticos de matemática, que circulam no ensino formal, compondo currículos que definem e fortalecem o que deve ser aprendido ao longo da trajetória escolar.

Desmembramos nosso questionamento em mais perguntas que direcionam nossa discussão: O que pistas de dança e páginas de livros de matemática podem dizer sobre corpos femininos? A quem interessa colocar a dança de salão como lugar de lazer e bem-estar social apartado das discussões acadêmicas? A quem interessa assumir livros didáticos de matemática como ferramentas neutras e distantes das discussões políticas?

Por fim, como duas ferramentas constituintes de espaços educativos formais e informais, aparentemente apartadas das discussões de gênero, podem colaborar para a construção de um corpo feminino?

Dança de salão e livros didáticos de matemática: campos de experiência

Com nossa questão posta, se faz necessário agora enegrecer o motivo de discutir duas ferramentas aparentemente desconexas para pensar a constituição de corpos femininos.

Uma autora, pesquisadora do corpo, professora de matemática e de dança de salão, dentre outras tantas identidades, convida um professor de matemática, que não dança, e uma professora de dança, que não estuda matemática, para pensar o corpo

feminino. Assim, a autoria deste texto é resultado de uma conversa entre uma pessoa que transita entre dois campos de experiência (dança de salão e matemática) com outras duas pessoas especialistas, cada uma em um destes campos de experiência, em busca de uma problematização comum: modos de subjetivação do corpo feminino.

As experiências inquietantes da autora, que se vê diante de dois espaços em que precisa operar com forças de esburacamento para criar brechas em uma matemática masculina (Fernandes, 2018) e em uma dança de salão cis-heteronormativa-patriarcal-colonial, (Paola de Vasconcelos Silveira, 2021), tornam-se elementos disparadores para a produção de pensamentos.

Entendemos aqui estes dois campos de experiência como espaços de acontecimentos caracterizados por uma abertura e disponibilidade à exposição no sentido de Larrosa (2002, p. 25),

Do ponto de vista da experiência, o importante não é nem a posição (nossa maneira de pormos), nem a “oposição” (nossa maneira de opormos), nem a “imposição” (nossa maneira de impormos), nem a “proposição” (nossa maneira de propormos), mas a “exposição”, nossa maneira de “expormos”, com tudo o que isso tem de vulnerabilidade e de risco.

Deste modo, três pessoas acadêmicas, se colocam em risco ao propor uma conversa insuspeitável com o desejo de ampliar as discussões de gênero no âmbito educacional, seja nos espaços formais (livros didáticos de matemática) ou informais (aulas e pistas de dança de salão).

Esta conversa não tem a intenção de marcar um posicionamento ou uma oposição entre os dois campos, mas sim de se colocar em exposição para os acontecimentos que puderam nos atravessar durante uma produção e análise de dados.

Além disso, entendemos que as experiências inquietantes da autora nos dois campos partem de um mesmo incômodo: a carência de discussões sobre gênero que possibilitariam a construção de outros corpos femininos.

Neste sentido, Fernandes (2018) propõe pensar uma matemática no feminino, em um devir-mulher. Ao problematizar a tradução da obra de Agnesi, Fernandes (2018) resgata o termo "bruxaria" como um lugar de luta, de deformação e rupturas de uma ordem de discurso vigente que caracteriza a matemática no masculino.

Do mesmo modo, Silveira (2021) ao problematizar o corpo feminino na dança de salão coloca em jogo duas figuras: a dama, que atende à ordem do discurso vigente, e a bruxa, que se associa à rebeldia em um percurso de vida-dança. Silveira

(2021) propõe a bruxa como dispositivo de rebeldia que rompe uma forma de dança a dois.

Corroborando com estas pesquisas, a conversa aqui busca tornar visível corpos femininos construídos por duas ferramentas que atravessam as experiências das autoras e do autor que atendem modelos que, ao nosso ver, precisam ser questionadas. Para construir corpos-curículos-bruxas, antes há que se expor como e quais corpos permanecem sendo constituídos nestes campos de experiência.

Movimento de Análise

Na tentativa de responder nossas questões sobre a construção de corpos femininos a partir de duas ferramentas de subjetivação, buscamos pesquisas nos dois campos: produções sobre gênero e currículos de matemática, em especial o livro didático, já que este circula em grande quantidade pelas escolas brasileiras no ensino formal; e gênero e dança de salão, que compõem espaços de ensino não formal.

Em um levantamento no Catálogo de Teses e Dissertações (CTD) da CAPES, utilizando as palavras gênero e livro didático de matemática e, posteriormente, gênero e dança de salão, encontramos 17 produções sobre gênero e livros didáticos de matemática e, coincidentemente, também 17 pesquisas sobre gênero e dança de salão.

Notamos que as pesquisas em dança de salão apresentam em sua maioria associações da prática corporal à qualidade de vida e bem-estar, com intenção de favorecer a longevidade, outras têm o foco na manutenção de manifestações culturais e no resgate de rituais e culturas. Ainda que tenhamos utilizado a palavra "gênero" nas buscas, apenas seis delas colocam as questões de gênero na centralidade da discussão. Destas seis, duas delas não foram encontradas na íntegra e outras duas tratavam da mulher como professora de dança, devido à dificuldade da presença feminina no mercado de trabalho desta área, não pautando exatamente a construção do corpo feminino que centraliza nossa discussão. Assim restaram apenas duas teses de doutorado.

Já nas pesquisas em educação matemática, das 17 encontradas, apenas 7 delas colocam a discussão sobre gênero como ponto central. As demais apresentam temas centrais diversos, como a associação dos livros de matemática com gêneros literários, centralidade na temática da educação financeira, exploração de conceitos matemáticos específicos e metodologias de ensino como a resolução de problemas. Dentre as 7, uma delas trata especificamente da masculinidade e duas delas não foram encontradas na íntegra, restando quatro pesquisas.

Diante do baixo número de pesquisas, o qual nos chama atenção, ampliamos nosso material de análise para artigos das mesmas autoras e autores, que apresentam algumas atualizações e, ainda, produções de outras autoras que foram citadas nas dissertações e teses selecionadas, que não haviam sido encontradas em nosso levantamento no CTD da Capes.

A seguir organizamos as pesquisas selecionadas em dois quadros.

Quadro 1 - Pesquisas: Dança de Salão

Título	Autoria	Modalidade/ IES/ Periódico	Ano
Entre a dama e a bruxa: relatos rebeldes na dança de salão	Paola de Vasconcelos Silveira	Tese / Universidade do Estado do Rio de Janeiro	2021
Jogo de damas: um estudo sobre a influência das disposições de gênero da Dança de Salão na Edificação do Habitus	Katiusca Marusa Cunha Dickow	Tese/ Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul	2022
Condução compartilhada: caminhos rizomáticos e contracondutores na dança de salão	Carolina Polezi	Tese/ Universidade Estadual de Campinas	2023
Marcadores de gênero nas danças de salão a partir dos estudos discursivos foucaultianos	Eliane Regina Crestani Tortola	Artigo/ Arquivos em Movimento, EEFD/UFRJ	2023
Discursos de verdade nas aulas da Dança de Salão: da condução do corpo aos espaços sociais	Débora Reis Pacheco e Carolina Polezi	Artigo/ Revista Presencia	2021
Parceria: reflexões sobre damas e cavalheiros no contexto da dança de salão	Elisa de Brito Quintanilha	Artigo/ Revista de Crítica Cultural	2016
Dama/Mulher, Cavalheiro/Homem: papéis e relações de gênero na dança de salão	Bruno Blois Nunes e Maitê Peres de Carvalho	Artigo/ Revista de pesquisa em Artes	2022

Fonte: Elaborado pelas autoras e autor (2024).

Quadro 2 - Pesquisas: Livros didáticos de Matemática

Título	Autor	Modalidade/ IES/ Periódico	Ano
Maria vai com quais outras? A construção de subjetividades a partir da figura feminina nos livros didáticos de matemática	Anna Lydia Azevedo Durval	Dissertação/ Universidade Federal do Rio de Janeiro	2023
As questões de gênero, raça e classe em livros didáticos de Matemática: uma análise a partir da educação Ciência, Tecnologia e Sociedade – CTS	André Cristovão Sousa	Dissertação/ Universidade Federal de São Carlos	2023

Quem mora no livro didático? Representações de gênero nos livros de Matemática na virada do milênio	Lindamir Salete Casagrande	Dissertação/ Centro Federal de Educação Tecnológica do Paraná	2005
Quando aprendo matemática, também aprendo a viver no campo? Mapeando subjetividades'	Vanessa Franco Neto	Tese/ Universidade Federal do Mato Grosso do Sul	2019
Questões de Gênero no Currículo de Matemática: Atividades do Livro Didático	Deise Maria Xavier de Barros Souza e Marcio Antonio da Silva	Artigo/ Educação Matemática e Pesquisa	2017
A questão de Gênero em Livros Didáticos de Matemática: Uma Comparação entre materiais do Brasil e dos Estados Unidos	Vanessa Neto e Weverton Ataide Pinheiro	Artigo/ Revista de Investigação e Divulgação em Educação Matemática	2021
Onde aprendemos a viver o gênero?	Vanessa Franco Neto	Artigo/ Hipátia - Instituto Federal de São Paulo	2021

Fonte: Elaborado pelas autoras e autor (2024)

Assim, nos tópicos a seguir construímos a dança de salão e os livros didáticos de matemática como ferramentas de subjetivações de corpos a partir de fragmentos de tais artigos, teses e dissertações, levando em consideração nossa hipótese de que suas aparentes neutralidades exercem poderes significativos na construção do corpo feminino.

Dança de salão: uma ferramenta de ensino não formal

A dança compõe o arcabouço cultural da humanidade desde seus primórdios. Dentre as diferentes modalidades que compõem seu campo, a Dança de Salão se destaca por ocupar espaços do cotidiano, como festas, bailes, praças e outros ambientes de convivência coletiva. Para além destes espaços, ela também pode ser encontrada em academias que ofertam aulas e em palcos que abarcam competições ou apresentações artísticas.

Ainda que a dança de salão esteja muito presente no contexto brasileiro em diferentes camadas sociais (neste momento que vocês, leitores e leitoras, leem este texto, é possível afirmar sem receio que em algum lugar do Brasil está acontecendo um baile com danças a dois), as pesquisas selecionadas apontam a reduzida quantidade de referências sobre o assunto, motivando nosso resgate da temática para pensar o ensino não formal.

Os espaços de dança de salão carregam suas próprias regras de convivência e de funcionamento, assim, uma pista de dança é muito mais do que um "simples pedaço de chão que abriga o baile", segundo Carolina Polezi (2023, p.51). As regras destes espaços acabam por exigir uma certa identidade das pessoas que o frequentam que podem se alterar ao longo do tempo e das culturas de cada região.

Deste modo, tomamos as pistas de dança como espaços variados, que não assumem apenas a imagem de salões nobres com pisos de madeiras fechados, mas também festas familiares, praças, terreiros e outros variados espaços que abrigam as danças a dois, cada qual com suas regras e estruturas culturais.

Além disso, para pensarmos o corpo feminino construído nestes espaços, que marcam uma identidade, também é necessário lembrar que a dança de salão, surgida no período Renascentista com a corte, conforme Bruno B. Nunes e Maitê Peres de Carvalho (2022), influenciou fortemente as pistas de dança brasileiras, mas não só. Polezi (2023), aponta que a Dança de Salão no contexto brasileiro é resultante do sincretismo de culturas europeias, mas também africanas e indígenas.

Podemos, neste sentido, assumir as pistas de dança como um território de disputas. Mas o que nos chama atenção é o fato de que, mesmo sendo espaços de disputa, há elementos comuns que direcionam movimentos, gestos e corpos nas Danças de Salão brasileiras. Talvez porque "o maior paradoxo dessa contestação é que as classes menos abastadas buscavam aprender essas danças reformuladas, as quais eram oriundas de seu próprio meio cultural" (Nunes e Carvalho, 2022, p. 2).

Um exemplo disso é o processo de transformação do samba e do maxixe, que surgem em danças populares, e passam a obedecer a padrões corporais, incluindo gestos, movimentos e posturas das classes elitizadas (Nunes e Carvalho, 2022).

Um destes padrões que ainda hoje é preservado é a composição de pares com um corpo masculino e um feminino para a dança a dois, com a tradicional denominação "dama" e "cavalheiro". Nesta composição, para Elisa de Brito Quintanilha (2016), o cavalheiro é responsável pela condução dos movimentos da dama, fortalecendo uma heteronormatividade.

Por abranger esta composição de corpos, "os bailes eram um espaço privilegiado para interação social" (Nunes e Carvalho, 2022, p. 4). Eram lugares em que homens e mulheres poderiam ter contato físico de forma naturalizada.

O formato da Dança de Salão, para a composição de corpos em conjunto com as regras de suas pistas, nos faz questionar o porquê de poucas pesquisas relacionadas a gênero ou mesmo apartadas de discussões políticas. Temos como

hipótese que este lugar ocupado como um espaço social para práticas de lazer afastou interesses de pesquisas de cunho político ou filosófico comparado às demais danças. Polezi (2023), relata as dificuldades de se assumir como dançarina, uma vez que suas experiências estão associadas à dança de salão, que tem sido menos valorizada no meio artístico e acadêmico.

Além disso, Polezi (2023) comenta a naturalização destes papéis de gênero nas aulas de dança, alunos e alunas ao procurarem a modalidade, na maioria das vezes não questionavam o formato heteronormativo.

Vale ressaltar que, atualmente, vemos uma tímida transformação nas pistas, sendo possível encontrar corpos femininos dançando com corpos femininos e corpos masculinos com corpos masculinos. Tais configurações ainda são exceções no contexto brasileiro, conforme Débora Reis Pacheco e Carolina Polezi (2021).

Diante da forma heteronormativa naturalizada e das regras que regem os espaços da Dança de Salão, nos propomos a questionar qual é o corpo feminino performado nas pistas de dança brasileiras. Para Judith Butler (2007),

A postura de que o gênero é performativo tentava pôr a manifesto que o que consideramos como uma essência interna do gênero se constrói através de um conjunto sustentado de atos postulados por meio da estilização do corpo baseada no gênero. Desta forma se demonstra que aquilo que tomamos como um traço ‘interno’ de nós mesmos é algo que antecipamos e produzimos através de certos atos corporais e, no extremo, é um efeito alucinatório de gestos naturalizados. (Butler, 2007, p. 17)

Para isso, apresentamos uma descrição de um corpo feminino subjetivado pela ferramenta Dança de Salão. Tal descrição é composta por fragmentos encontrados nas produções selecionadas (Quadro 1). Os fragmentos, que são citações diretas, estão destacados em itálico e ressaltamos que alguns deles aparecem em mais de uma pesquisa, reforçando termos associados ao corpo feminino.

Dança de salão: corpo-dama

O corpo feminino que deseja adentrar as pistas de dança de salão precisa aprender a se mover "**pela beleza e pela suavidade**" (Silveira, 2021, p. 200) e "**graciosidade, atributos de uma boa dama**" (POLEZI, 2023, p. 26). Além disso, responder "**de maneira precisa, impecável, sensual, vivaz e empática aos estímulos de seu parceiro cavalheiro-homem**". (POLEZI, 2023, p. 26).

As gestualidades, a depender do ritmo, que vai do maxixe à valsa, podem alternar, segundo Katiusca Marusa Cunha Dickow (2022, p. 51), "**entre movimentações delicadas, suaves, elegantes e flexíveis**", "**demonstrando sua**

fragilidade" (Dickow, 2022, p. 17; Silveira, 2021, p. 187; Pacheco e Polezi, 2021, p. 181) e, conforme Eliane Regina Crestani Tortola (2023, p. 78) e Pacheco e Polezi, 2021, p. 181), "**adaptação aos gestos do cavalheiro, que chegará como protetor e movimentações sedutoras, vivazes, ágeis, repletas de balanço de quadris com tons de malícia e erotismo**" "**dedicada ao seu parceiro**" (Silveira, 2021, p.17).

Nestas duas formas de se mover, o importante é esperar que o "**convite sempre parte do cavalheiro**" (Pacheco e Polezi, 2021, p. 185), assumindo uma "**postura passiva**" (Dickow, 2022, p. 51). Se o corpo feminino se opuser a tais gestualidades e "**passividade**" (Silveira, 2021, p. 24), ele será considerado nas pistas como um "**corpo rebelde**" (Silveira, 2021, p. 24) ou "**ansioso**" (Pacheco e Polezi, 2021, p. 185) fazendo com que cavalheiros não queiram dar continuidade às danças. E, lembrar-se que o corpo feminino "**jamais poderá negar uma dança**" (Polezi, 2023, p. 105), ainda que o cavalheiro não lhe agrade, pois seria "**altamente deselegante e vergonhoso para seu homem-cavalheiro**" (Polezi, 2023, p. 105).

A "**escolha das vestimentas**" (Polezi, 2023, p. 47) também será fundamental para que os cavalheiros convidem os corpos femininos para dançar. É necessário observar as "**regras de cada salão**" (Dickow, 2022, p. 32; Quintanilha, 2016, p. 114), que ainda hoje apresentam a "**exigência do uso de saia, vestidos e salto alto.**" (Dickow, 2022, p. 32; Quintanilha, 2016, p. 114).

Ao longo da dança é papel do corpo feminino "**obedecer**" (Dickow, 2022, p. 32; Silveira, 2021, p. 128; Polezi, 2023, p. 26) às movimentações conduzidas pelo cavalheiro, "**confiar**" (Silveira, 2021, p. 16) e "**aceitar**" (Silveira, 2021, p. 22) os caminhos que lhe são propostos, "**deixar-se guiar pelo abraço e NÃO PENSAR**" (Dickow, 2022, p. 32) sobre as movimentações.

Caso surja a vontade de fazer um "**charme ou colocar um enfeite**" (Nunes e Carvalho, 2022, p. 5; Silveira, 2021, p. 38) na sua dança, o corpo feminino "**deverá esperar o cavalheiro lhe dar espaço**" (Nunes e Carvalho, 2022, p. 5; Silveira, 2021, p. 38) ou deve acontecer "**entre os movimentos indicados por ele, sem tirá-lo do eixo ou "atrapalhar sua condução**" (Nunes e Carvalho, 2022, p. 5; Silveira, 2021, p. 38), garantindo a forma do '**homem como mastro e mulher a bandeira, homem como moldura e mulher a pintura ou ainda homem como cabide e mulher a roupa**' (Polezi, 2023, p.162). É o cavalheiro que deverá dar todo o suporte para o "**corpo feminino brilhar**". (Polezi, 2023, p.138).

Assim, espera-se que o corpo feminino se molde nestas características "**gestuais, comportamentais, racionais e psíquicas**". (Pazetto e Samways, 2018,

p. 169 *apud* Nunes e Carvalho, 2022, p. 4) Lembrando que uma "boa dama não se destaca pelas suas próprias habilidades e competências, apenas pela sua graciosidade no ato de dançar." (Silveira, 2021, p. 39).

Livros didáticos de matemática: ferramenta do ensino formal

No ensino formal tomamos o livro didático de matemática, que é uma das ferramentas mais utilizadas em sala de aula em contato direto com alunas e alunos, ainda que mediado pela prática docente e demais elementos dos currículos de matemática. Consideramos que ele ainda é uma das ferramentas mais utilizadas, apesar do crescente uso das plataformas educacionais por Secretarias de Educação no Brasil.

Embora o ensino da matemática pareça distante das discussões de gênero ao pensarmos na qualidade de seus conceitos, Deise Maria Xavier de Barros Souza e Marcio Antonio da Silva (2017) apontam que não se trata de um ensino neutro, já que junto com os conceitos há uma variada gama de elementos que também são ensinados.

Além disso, no Brasil e no mundo, há uma série de políticas que desejam garantir acesso a este tipo de material. Lindamir Salete Casagrande (2005), aponta que o Governo Federal, desde o início do Século XX, se preocupa em dar acesso ao livro didático e avaliar estes instrumentos.

Considerando a importância deste instrumento no ensino formal, pesquisas começaram a olhar para seus aspectos discursivos, dentre eles como aparecem as questões de gênero. Vanessa Franco Neto (2021) apresenta os resultados do ***Education for All 2000-2015: achievements and challenges***, da Unesco, sobre os padrões de gênero que são reforçados nesta ferramenta.

Em uma de suas conclusões, o parecer da Unesco também aponta que os papéis desempenhados por mulheres nesses materiais configuram obstáculos invisíveis para que meninas em idade escolar possam desenvolver suas habilidades e potencialidades rumo à vida adulta e, acrescenta-se, promovem também modos de ser e agir em relação às mulheres. O endereçamento das práticas que compõem o rol de possibilidades das mulheres é enviado a toda a população. Deste modo, o livro didático é mais um dos instrumentos de estabilização da ordem do discurso, em que os balizadores de comportamentos, bem como as atribuições e ocupações femininas também são esboçados. O ano é 2020 e isso ainda continua sendo pauta tal como apontado em Neto e Guida (2020), cujos resultados evidenciam a não neutralidade e a não isenção da matemática escolar no exercício da produção e da replicação de práticas performáticas de gênero. (Neto, 2021, p. 53)

Casagrande (2005), Neto (2019) e Anna Lydia Azevedo Durval (2023), também comentam sobre a não neutralidade dos livros didáticos, já que há inúmeras representações de homens e mulheres construindo um caráter de verdade em relação aos padrões de gênero, reforçando a heteronormatividade. Deste modo, assim como as pistas de dança de salão, os livros didáticos de matemática tornam-se espaços que definem identidades.

No entanto, enquanto a dança de salão define as identidades a partir de padrões de gênero, diretamente, para que as pistas de dança funcionem, no livro didático as identidades aparecem como plano de fundo, como pretexto para ensinar um conteúdo de matemática. O ensino da matemática é assumido como objetivo central e as identidades acabam sendo assumidas inequivocamente como cenários naturalizados.

Nos dois casos, direta ou indiretamente, há uma verdade normativa sendo reforçada ou até mesmo exigida, produzindo subjetivações no modo de ser do corpo feminino e masculino.

Do mesmo modo, podemos entender que as duas ferramentas, ainda que distintas com relação à área de conhecimento e modo de produção, são políticas culturais.

(...) a matemática escolar é política porque a constituição histórica do conhecimento e as práticas associadas emergiram e fazem parte das classificações e organizações que regulam a vida social e, dentro delas, noções de quem as pessoas são e deveriam ser. (Valero, 2018, p.108, *apud* Neto, 2021, p. 108)

As duas ferramentas também compõem a vida cotidiana e podem ser consideradas práticas discursivas no sentido de Foucault (2014), que replicam atitudes, comportamentos, práticas e modos de ser que se adequem ao regime de poder vigente.

Retomando nosso objetivo de observar como se caracteriza este corpo feminino que atende ao regime de poder vigente e é explicitado em práticas discursivas a partir de ferramentas do ensino não formal e formal, agora apresentamos uma segunda descrição, composta de fragmentos das pesquisas selecionadas (Quadro 2) que apontam comportamentos, atitudes e modos de existência nos livros didáticos de matemática. Novamente, destacamos os fragmentos em itálico e ressaltamos que alguns deles aparecem em mais de uma pesquisa, reforçando termos associados ao corpo feminino.

Ressaltamos que nesta descrição também nos pautamos apenas nos fragmentos que dizem respeito aos livros didáticos de matemática brasileiros. Outro ponto a ser destacado encontrado nas pesquisas é a maior presença de imagens e textos com referência ao corpo masculino do que ao corpo feminino (Neto, 2021; Casagrande, 2005; Sousa, 2023).

Livros didáticos de matemática: corpo-útil

A matemática escolar é tida como ferramenta útil que auxilia nas práticas do cotidiano de diferentes maneiras. Deste modo, nos livros didáticos de matemática encontramos corpos femininos associados a algumas utilidades.

A matemática ajuda o corpo feminino "**a costurar, comprar alimentos, cozinar, medir ingredientes para receitas, administrar as finanças da casa**". (Neto e Ataide Pinheiro, 2021, p. 11; Sousa, 2023, p. 92; Casagrande, 20025, p. 110). Por exemplo, a fração é importante para "**Júlia (...) calcular a quantidade de manteiga necessária em uma receita**". (Neto e Ataide Pinheiro, 2021, p. 11). O corpo feminino é útil às "**atividades domésticas**" (Neto e Ataide Pinheiro, 2021, p. 12; Sousa, 2023, p. 89), por isso a matemática lhe é necessária.

Fora de casa, o corpo feminino vai às compras, realiza "**compra de sapatos, roupas e acessórios no shopping**" (Durval, 2023, p. 76). Ou então assume algumas profissões, como de "**vendedora de flores ou roupas, secretária, professora**" (Neto e Ataide Pinheiro, 2021, p.11; Sousa, 2023, p.92) ou "**dentista**" (Casagrande, 2005, p. 112). Afinal o corpo feminino precisa exercer atividades que exijam "**cuidado e delicadeza**", considerando sua habilidade "**maternal**". (Durval, 2023, p. 58). Aliás, o corpo feminino cuida muito de seus filhos e filhas nas situações matemáticas.

Mas se for para ser professora de matemática, a função é transferida para um homem. No livro didático de matemática há "**professores de matemática**". (Casagrande, 2005, p. 113). Nesta relação com o masculino, o corpo feminino também aparece como apoio, ele cuida da casa e depois "**ajuda o marido a completar a renda familiar**" (Casagrande, 2005, p. 111). "**A dupla jornada de trabalho é representada.**" (Durval, 2023, p.60). O corpo feminino também aparece "**precisando de ajuda para compreender um extrato bancário**" (Casagrande, 2005, p. 134), solicitando ajuda a um homem.

Em algumas profissões o corpo feminino "**não tem nome**" (Casagrande, 2005, p. 112), especialmente quando exerce profissões de diarista ou "**faxineira**" (Casagrande, 2005, p. 112). Sem contar as questões raciais relacionadas a estas situações. Quando aparecem corpos femininos infantis, estes são convidados a

"ajudar a mãe com a louça do almoço ou ser prestativa, ser organizada para eficiência da gestão da casa." (Casagrande, 2005, p. 111).

Dentro desta gestão, os conteúdos matemáticos "auxiliam na noção apurada de localização espacial, pois esse corpo que performa o feminino deve ter condições de avaliar e de antever as possíveis situações de perigo." (Casagrande, 2005, p. 111).

A matemática também dita a "**idade adequada para que uma mulher se envolva em um matrimônio e se reproduza.**" (Neto, 2021, p. 58). Nestas representações, os livros didáticos ensinam que "**para se casar e ter filhos, as mulheres precisam ser delicadas, executar práticas domésticas ("lavar a roupa", que aqui se alinha às categorias do trabalho e da gestão do lar) e ter uma idade "adequada" (vinte e cinco anos).**" (Neto, 2021, p. 58).

O corpo feminino está distante das atividades mais tecnológicas e poucas vezes trabalha junto com corpos masculinos na mesma cena. Do mesmo modo, pouco aparecem nas práticas esportivas de alta performance ou práticas coletivas, como o tradicional futebol brasileiro. Além do mais, com relação aos bens de consumo, as grandes propriedades, como fazendas ou terrenos são dos corpos masculinos, ao corpo feminino não cabem propriedades (Casagrande, 2005).

A distância também é percebida nos exemplos de "**nomes de celebridades, cientistas de diversas áreas e matemáticos**" (Casagrande, 2005, p. 128) de referências aos conteúdos apresentados. Ou seja, o corpo feminino deve ser útil dentro de suas capacidades, que se limitam a práticas que exigem "**delicadeza, cuidado, conforto, gestão domiciliar**" (Sousa, 2023, p. 89) ou consumo de supérfluos (Casagrande, 2005).

Neutralidade: um conceito suspeitável

O corpo-dama e corpo-útil que compõem o feminino diante de duas ferramentas de subjetivação revelam a marca de um regime de poder vigente de tempos longínquos e presentes na atualidade, ainda que estejamos vivendo transformações hoje nas questões sobre gênero.

Tais marcas são discutidas em teorias feministas que buscam saídas destes processos de subjetivação. Federici (2017), propõe uma política do corpo para questionar o corpo como identidade e como prisão. Também aponta a necessidade de documentar as subjetivações que se inscrevem sobre corpos.

No que diz respeito ao enfoque feminista, nosso primeiro passo deve ser documentar as condições sociais e históricas nas quais o corpo se

tornou elemento central e esfera de atividade definitiva para a constituição da feminilidade. [...] na sociedade capitalista, o corpo é para as mulheres o que a fábrica é para os homens trabalhadores assalariados: o principal terreno de sua exploração e resistência, na mesma medida em que o corpo feminino foi apropriado pelo Estado e pelos homens, forçado a funcionar como um meio para a reprodução e a acumulação de trabalho. Neste sentido, é bem merecida a importância que adquiriu o corpo, em todos os seus aspectos – maternidade, parto, sexualidade –, tanto dentro da teoria feminista quanto na história das mulheres (Federici, 2017, p. 8).

Deste modo, reforçamos que descrever práticas, comportamentos, gestos, posturas e modos de existência que se inscrevem no corpo feminino é fundamental. E mais, entendemos que as inscrições sobre o corpo feminino nos lugares mais sutis ou desapercebidos, e que muitas vezes não são considerados dados de análise de cunho histórico e político devido à sua aparente neutralidade, muito têm a dizer sobre o regime de poder vigente capitalista.

Tanto na dança de salão como nos livros didáticos de matemática, as pesquisas apontaram uma aparente neutralidade com relação a uma abordagem política, no entanto é possível perceber a repetição de padrões nos fragmentos apresentados que compuseram um corpo-dama e um corpo-útil.

Butler (2007), afirma que as regras que estruturam a matriz da hierarquia de gênero operam por repetição. Esta repetição foi percebida ao olharmos para as referências aos corpos femininos nas pesquisas selecionadas. É neste sentido que colocamos a ideia de neutralidade destas duas ferramentas sob suspeita.

No latim se diz que um verbo é neutro quando ele não é nem ativo nem passivo. Mas também em outras áreas esse termo é usado. Em política se consideram neutros aqueles estados que não tomam partido entre adversários, ou se fala numa atitude neutra quando ela denota indiferença em relação a uma disputa qualquer. A zoologia chama de neutras as abelhas operárias, que são assexuadas e não podem copular. Na física, os corpos que não apresentam nenhuma eletrização e que não são condutores de corrente também são ditos neutros, e na química se fala em sais neutros quando eles não são ácidos nem básicos. (Pelbart, 1989, p. 88)

Pelbart (1989), escava o conceito de neutro associando todo este léxico à ideia de "nem isto, nem aquilo", que anulam uma oposição. Neste caso, podemos afirmar que o corpo-dama e o corpo-útil subjetivados pelas pistas de dança e pelo livro didático de matemática não carregam neutralidade, estão a favor de um regime de poder capitalista de produção e docilização de corpos com evidente apontamento de binariedades e oposições.

Para Pelbart (1989), o neutro é justamente o oposto deste maquinário capitalista. O conceito vem atrelado ao conto de Bartleby⁵ como um lugar do nada que se torna estratégia para escapar das capturas de uma máquina capitalista.

O neutro então seria uma estratégia para escapar ao jogo do paradigma e "se esquivar de suas combinações e arrogâncias". Embora o termo neutro remeta a impressões de monotonia, neutralidade e indiferença, "desarmar o paradigma pode ser uma atividade ardente e fervente". No fundo o neutro é um estado intenso (ou intensivo), que na sua discrição recusa uma oposição binária, mina a polarização que é seu moto e arruína o sentido que ela gera. É uma operação de guerrilha silenciosa e cansada (o silêncio e a fadiga compõem seu "arsenal tático"), porém eficaz. (Pelbart, 1989, p.89)

Assim, ao colocarmos a aparente neutralidade das pistas de dança e do livro de matemática sob suspeita, desenhamos subjetividades que produzem e reforçam modos de ser do corpo feminino e, ainda, trazemos a neutralidade para outro viés, descolando das ferramentas e apontando-a como um conceito possível para escapar do maquinário capitalista.

Se para Federici (2017) é necessário documentar as inscrições sobre o corpo feminino, entendemos que é por meio destas documentações que conseguimos questionar as falsas neutralidades para buscar modos de ruptura e, quem sabe, encontrar no próprio conceito de neutralidade novos modos de existência para o corpo feminino.

Modos de existência que, talvez, permitam a construção de corpas-femininas-bruxas, para resgatar o dispositivo da rebeldia de Silveira (2021) e a matemática feminina de Fernandes (2018). Já que, trazer "a bruxa para dançar com a dama, um dançar entre mulheres, que possa inspirar outras experiências desviantes" (Silveira, 2021, p. 25) pode ser caminho de abertura e exposição de outras corpas-femininas ao mesmo passo em que "assumir uma matemática no feminino é lutar pelas bruxas do currículo, libertando-nos de modos de conhecer, de estar e de ser que nos aprisionam". (Fernandes, 2018 p.150)

Neste sentido, deixamos como questão se a neutralidade poderia ser caminho para desconstrução de corpos-damas e corpos-úteis em busca de outros modos de constituição do corpo feminino sem limitá-lo a qualquer arcabouço, mas sim validar a existência da rebeldia e resistência que compõem corpas-bruxas.

O neutro: um estado intensivo cujo poder de microcorrosão é capaz de desmanchar cristalizações capturantes, liberando o movimento para fora dos circuitos existentes. Espécie de abalo sísmico

⁵ Referência ao livro Bartleby, o escrivão de Herman Melville

minimalista, que pode desfazer algumas conexões estratificadas para possibilitar outras, inéditas ou insólitas. (Pelbart, 1989, p. 92)

A suposta neutralidade não como algo ingênuo, mas intencional. A suposta neutralidade maquiada pela falsa universalidade da matemática, mas também ferramenta silenciadora de corpos do patriarcado, do machismo, sexismo... uma “simples” dança de salão não tem nada de ingênua, reforça padrões, comportamentos, modos de ser e estar, assim como as imagens de mulheres nos livros didáticos de matemática.

Referências

- BRASIL. Ministério da Educação. ***Base Nacional Comum Curricular***. Brasília, 2018. Disponível em <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf> Acesso em: 09 junho 2024.
- BUTLER, Judith. ***El Género en disputa. El feminismo y la subversión de la identidade***. Tradução de M. Rosa Muñoz. Barcelona: Gedisa, 2007.
- CASAGRANDE, Lindamir Salete. ***Quem mora no livro didático? Representações de gênero nos livros de matemática na virada do milênio***. Dissertação (Mestrado em Tecnologia) - Centro Federal de Educação Tecnológica do Paraná. Paraná, 2005.
- DICKOW, Katiusca Marusa Cunha. ***Jogos de Damas: Um estudo sobre a influência das disposições de gênero da dança de salão na edificação do habitus***. Tese (Doutorado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Rio Grande do Sul, 2022.
- DURVAL, Anna Lydia Azevedo. ***Maria vai com quais outras? A construção de subjetividades a partir da figura feminina nos livros didáticos de matemática***. Dissertação (Mestrado em Ensino da Matemática). Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2023.
- FEDERICI, Silvia. ***Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva***. São Paulo: Elefante, 2017.
- FERNANDES, F. S. Pelas bruxas de Agnesi no currículo: educabilidade de uma matemática no feminino. In: PARAÍSO, M. A.; CALDEIRA, M. C. S. (org.). ***Pesquisas sobre currículos, gêneros e sexualidades***. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2018. p. 139-151.
- FILHO, José Mario da Silva. ***Estudos de gêneros na educação matemática: as expectativas construídas pelos/as docentes***. Dissertação (Mestrado em Ciências e Matemática). Universidade Federal de Pernambuco. Pernambuco. Caruaru, 2019.
- FOUCAULT, Michael. Ditos e Escritos IX: genealogia da ética, subjetividade e sexualidade. 2^a ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2014.
- FOUCAULT, Michael. ***História da Sexualidade***. Tradução de José Augusto Guilhon de Albuquerque e Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes de. *O diabo em forma de gente: (r)existências de gays afeminados, viados e bichas pretas na educação*. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017.

NETO, Vanessa Franco. *Quando aprendo matemática, também aprendo a viver no campo? Mapeando subjetividades*. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2019.

NETO, Vanessa; ATAIDE PINHEIRO, Weverton. A questão de Gênero em Livros Didáticos de Matemática: Uma Comparação entre materiais do Brasil e dos Estados Unidos. *Revista de Investigação e Divulgação em Educação Matemática*, v.5, n.1, p. 1-21, jan-dez, 2021.

NETO, Vanessa Franco. Onde aprendemos a viver o gênero? *Hipátia*, Instituto Federal de São Paulo, v.6, n.1, p. 51-62, jun. 2021.

NUNES, Bruno Blois; CARVALHO, Maitê Peres de. Dama/Mulher, Cavalheiro/Homem: papéis e relações de gênero na dança de salão. *Revista de pesquisa em Artes*, v.9, n.2, 2022.

PACHECO, Débora Reis; POLEZI, Carolina. Discursos de verdade nas aulas da Dança de Salão: da condução do corpo aos espaços sociais. In: *Revista Presencia*. vol. 6, 2021. Disponível em: <https://www.stellamaris.edu.uy/revistapresencia/wp-content/uploads/2021/10/Reis-.pdf> Acesso em: 18 maio 2024.

PELBART, Peter Pál. *Da clausura do fora ao fora da clausura: loucura e desrazão*. São Paulo: Brasiliense. 1989.

PELBART, Peter Pál. *O avesso do niilismo: cartografias do esgotamento*. São Paulo: n-1 edições, 2016.

POLEZI, Carolina. *Condução compartilhada: Caminhos rizomáticos e contracondutores na dança de salão*. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2023.

QUINTANILHA, Elisa de Brito. Parceria: reflexões sobre damas e cavalheiros no contexto da dança de salão. Grau Zero - *Revista de Crítica Cultural*, v.4, n.2, 2016. Disponível em: <<https://revistas.uneb.br/index.php/grauzero/article/view/3343/221>> Acesso em: 18 maio 2024

SILVEIRA, Paola de Vasconcelos. *Entre a dama e a bruxa: relatos rebeldes na dança de salão*. Tese (Doutorado em Artes Cênicas). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2021.

SOUZA, André Cristovão. *As questões de gênero, raça e classe em livros didáticos de Matemática: uma análise a partir da educação Ciência, Tecnologia e Sociedade - CTS*. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências e Matemática) - Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, 2023.

SOUZA, Deise Maria Xavier de Barros e SILVA, Marcio Antonio da. Questões de Gênero no Currículo de Matemática: Atividade do Livro Didático. *Educação Matemática e Pesquisa*, v.19, n.3, p. 374-392, 2017.

SOUZA, Juliana Boanova. *A invisibilidade do gênero nas discussões das mulheres professoras de matemática*. Dissertação (Mestrado em Educação em

Ciências) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2020.

TORTOLA, Eliane Regina Crestani. Marcadores de gênero nas danças de salão a partir dos estudos discursivos foucaultianos. *Arquivos em Movimento*, EEFD/UFRJ, v.9, n2, p. 68-84, 2023.

Submetido em maio de 2024

Aceito em setembro de 2024

